

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
 Redacção e Administração:
 Rua da Rainha, 56-A
 Telef. 4313

Notícias de Guimarães

A' Ex.ma
 Sociedade Martins Sarmento
 Guimarães

VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

LABOR DO PASSADO OFICINAL AO INDUSTRIALISMO PRESENTE

Passa o aniversário da Exposição Industrial e Agrícola de 1953. Comemorando o acontecimento, publicamos uma oração que foi proferida, pelo nosso ilustre Colaborador Sr. A. L. de Carvalho, no banquete que fechou o certame expositivo.

Continuação do n.º anterior

Passam, exaltadas pela minha admiração, mais vultos singulares do passado — figuras do trabalho vimaranesense.

João de Guimarães, o célebre «Alfageme de Santarém», que na Crónica do Condestável passa por haver temperado a espada de Nun'Alvares e profetado o seu triunfo, é um dos nossos naturais. Reivindicamo-lo.

A seu par, vai Mem Eanes, aquele mestre cerralheiro de quem disse el-rei D. Dinis, ser o «mestre mais bô», que no reino havia.

Com esta pléiade de artistas, com este cerne remoto de tantas e variadas manufacturas, não admira que ainda seja o concelho de Guimarães quem dê testemunho do seu valor industrial em nossos dias.

Vejam a cutelaria. Refulge a velha indústria vimaranesense ao estridor da marcha triunfal da cutelaria estrangeira. Mesmo sem o apetrechamento da ultra-moderna maquinaria, mesmo sem o potencial capitalista fomentador dos grandes impulsos industriais, a nossa cutelaria marca, no fulgor das suas marcas.

Atentemos: Para certo dia junto à porta de uma oficina térrea, no lugar da Pisca, um coche régio. Dele saem dois príncipes da Casa de Bragança, na companhia de Mousinho, o herói glorioso de Chamite. Esta visita à oficina do Mestre 35, traduziu um mandado do rei. Reconhecimento e apreço ao mérito do velho artista — prototipo de muitas gerações de cutelheiros.

Os nossos olhos constata, com satisfação e orgulho, que a antiquíssima e celebrada indústria cutelaria de Guimarães, prossegue. Refulge em progresso!

Mestre Cequeira, com oficina térrea em Santa Luzia, mandou em 1851 as suas tesouras a uma Exposição Industrial de Londres. Nela alcançou diploma de mérito.

Foi depois de ser justamente apreciado por um júri estrangeiro, que o Governo nacional distinguiu o artista vimaranesense com a comenda do Hábito de Cristo.

*

Mas contemplemos. Atractivamente nos chamam os penteiros.

Entre o que foram e o que são, há notável diferença.

Marcando etapas sucessivas, os penteiros caminharam. Do corno animal, chegaram ao celuloide, à galalite. Destas pastas mais ou menos transparentes e elásticas, chegaram, por um produto liquefeito, à mais sintética das matérias primas.

Longa trajectória que a química dos laboratórios indus-

triais e a mecânica associadas conceberam.

A velha indústria dos pentes metamorfoseou-se, finalmente, na novíssima indústria dos plásticos. Industriais empreendedores, seguindo uma rota reformadora, estudaram, viajaram. E fizeram um «milagre» de renascimento, na hora em que a velha indústria parecia naufragar.

O que as suas máquinas produzem hoje, vai dos pentes às coisas mais lindas dos bazares quinquilheiros.

Outro tanto não souberam ou não puderam fazer nos tempos idos, os preguiçosos, sombreiros, espingardeiros, serigueiros, ceiros e outras modalidades industriais da nossa terra; por isso se submergiram.

Os últimos reflexos da sua existência ainda vieram à Exposição Industrial de 1884 — o primeiro certame concelhio que no País se realizou.

E quem viu por aí os oleiros da Cruz de Pedra?

Eles que vêm de um remoto passado; eles que formaram algumas dinastias de mestres; eles que marcam ainda hoje um valor económico, — por que não vieram ao presente certame?

Seguindo o mesmo errado critério abstencionista, não vieram ao certame outras indústrias, que sempre marcaram relevo entre nós.

Igualmente não veio a chamada pequena indústria. Com excepção dos trabalhos de cartonagem, e os labores do Asilo de Santa Estefânia.

Se as pequenas indústrias melhor se houvessem representado, inclusivé as de feição agrícola e doméstica, então haveria ensejo de fazer desenvolver aqui a velha toponímia do antigo burgo: — rua Forja, Peliteira, Celeira, Ferreira, Tesoureira, Pasteleira, Mostardeira, Correeira, Sapateira, Caldeirão, dos Ourives e rua de Couros.

Por nós então perpassaria todo um sistema de economia

dirigida. Na base desse sistema, os *Doze dos Mesteres*, tabelando os preços, regulando a mão d'obra, presidindo aos mestrados dos ofícios, pautando normas ao aprendizado, arbitrando nas questões profissionais, almoçando. Por sobre este sistema, como sua cúpula, ao lado dos Municípios e das Côrtes, — o Rei. Conclui no próximo número.

Conselho Municipal

Voltou a reunir, no penúltimo sábado, o Conselho Municipal, que aprovou finalmente, depois de algumas alterações, o Ante-Plano de Urbanização de Guimarães.

A BEM DE GUIMARÃES

Sempre que ouvimos falar dos progressos materiais e morais do país, sentimos projectar-se no nosso espírito a consolação de sermos portugueses e, portanto, a grande satisfação de pertencermos a uma raça cujo passado nos colocou em lugar de destacada evidência entre os outros povos, aos quais Portugal soube dar lições de arreigada devoção patriótica, quer sulcando mares nunca dantes navegados, quer abrindo novos horizontes à propagação da Fé e da própria Civilização.

Foi assim que os portugueses ergueram o seu padrão de glória em vários recantos do mundo e conseguiram immortalizar-se nas mais belas páginas da História dos povos, cabendo a Guimarães uma parte importante dessa justa consagração, visto que foi no seu solo que se formou a Alma da Pátria, abraçada à Cruz de Cristo, sob o patrocínio do seu primeiro Rei que, com tanta galhardia, tanta bravura e tanto amor pátrio, construiu o majestoso e indestrutível edifício da integridade nacional, colocando esta acima do seu próprio amor maternal.

Por isso, falando-se de Guimarães, fala-se de uma das mais vitais células da Pátria, verdadeira fonte de luz que iluminou o caminho da honra e do dever aos primeiros timoneiros da expansão das qualidades e das virtudes dos portugueses, transformando-os em símbolos das glórias eternas que conquistaram.

Trata-se, pois, de uma terra que deve ter o seu lugar na vanguarda do progresso, lugar que lhe pertence por direito e por justiça. No panorama do ressurgimento

Trovas do S. João

Moça que se desleixa
 E não se quer enfeitar...
 Ou tem de amor qualquer queixa
 Ou não pretende casar.

Falas de mim, sempre arisca,
 Sou por ti tão desdenhado,
 Mas se o peixe «morde» a isca
 E' pela boca pescado.

Depois de tanto escolher,
 Numas voltas fui teu par...
 E não te quero perder
 Quando a roda desliza.

E' modesta a nossa casa
 Mas para nós tem valor:
 A gente nela se abraça
 Ao lume do nosso Amor.

Teu amor, em realidade
 — Mentira no S. João... —
 Deixou somente saude
 Dentro do meu coração.

Dois corações, na verdade
 Assim juntos, formam um.
 São apenas a metade
 Duma só alma comum.

No teu olhar inocente
 Tens um desejo profundo...
 Poço de água transparente
 Deixa ver lodo no fundo.

Como queres que te conte
 A razão da minha mágoa...
 Embora transborde a fonte
 E' profundo o veio de água.

Disseste adeus, foste embora...
 Fiz para mim juramento:
 De viver, na ausência agora,
 Contigo, no pensamento!

Rio de Janeiro, Junho de 1954.

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

FESTAS DA CIDADE

A' medida que os dias passam intensificam-se os trabalhos para as Festas da Cidade, cujo programa se encontra quase inteiramente elaborado, constando dele festivais, Feiras Francas e Concurso Pecuario, Procissão e Festa de S. Gualter, uma Corrida de Toiros em que tomam parte entre outros valores, os cavaleiros João Branco Nuncio e Simão da Veiga e o espada António dos Santos, a Marcha Gualteriana, etc.

A direcção do Grémio do Comércio, coadjuvada por uma Comissão de Vimaranesenses, não se tem poupado a esforços para que tudo decorra por forma a manter a grande fama de que gozam pelo país fora as nossas festas Gualterianas.

Está absolutamente resolvido a realização da imponente Procissão de S. Gualter, que pela sua riqueza deve constituir um número de alto valor para as Festas da Cidade. A Mesa da Irmandade de S. Gualter tomou o encargo de tratar da sua organização, estando incumbido o sr. dr. Adelino Ribeiro Jorge de estudar a parte artística da mesma. A esta Procissão virá presidir Sua Excelência Reverendíssima o sr. Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas. Ainda na mesma Procissão devem incorporar-se representações de várias Ordens Religiosas.

As iluminações estão a ser estudadas, de baixo da orientação de alguns membros da respectiva Comissão, pelos ornamentistas que habitualmente têm trabalhado nas Festas Gualterianas e ainda por

Continua na 2.ª página.

DEMOCRACIA

Que democrata não é o mesmo que plebeu, está certo: o pensamento político do homem depende da inteligência e carácter de cada um e nada da classe em que o acaso ou complexos sociais de ocasião o tenham colocado.

Agora que possa haver democratas aristocratas ou aristocratas democratas, não, tal não é possível.

Isto vem a propósito de um evidente lapsus calami com que abre um, aliás, animado e conceituoso artigo, aqui ultimamente publicado, o qual, porém, deve ter escapado a uma revisão atenta do seu vibrante autor, no afã de não nos faltar com as suas interessantes considerações semanais, a que nos habituou e que sempre se lêem com simpatia e admiração.

Não duvidamos de que o incansável articulista, ao escrever a palavra «aristocrata», lhe atribua a sua acepção popular de «nobre» ou «fidalgo»; mas num artigo de manifesta doutrinação política, o termo «aristocrata» só deveria ser empregado, para não ofender o rigor técnico da expressão e evitar confusões que se prestem ao sorriso dos maledicentes, no seu significado próprio de partidário do sistema de governo aristocrático, ou seja, do governo em que o acesso às funções políticas é reservado a uma classe privilegiada.

Ora a democracia, opondo-se à aristocracia, caracteriza-se pela participação das massas ou de uma grande parte dos cidadãos nos negócios públicos; ensinava Marnoco e Sousa que uma república pode ser aristocrática ou democrática, conforme restringir o direito eleitoral aos poderosos e

aos ricos ou estender esse direito às classes populares; e citava Numa Droz que, verificando a influência do século XIX na expressão *democracia*, lhe atribuía a significação de um regime que comporta uma acção directa do povo.

E assim nunca um aristocrata pode ser democrata, porque... ou é branco ou é preto.

O professor de Direito Público, Joseph-Barthélemy, ao pretender definir o princípio democrático e dar dele uma ideia praticamente assimilável, começava por compará-lo com os sistemas contrários e dizia que o princípio que em primeiro lugar para tal se oferecia era o da hereditiedade em proveito de uma família ou dinastia; explicava que dentro desse princípio havia que distinguir a doutrina do *direito divino sobrenatural* ou a do *direito divino providencial*. Pela primeira, a família reinante teria sido designada por Deus. Pela segunda, Deus teria disposto os acontecimentos de modo que, em dado momento, uma família reinasse no país. E' a afirmação de Bossuet no seu «Discurso sobre a História Universal» de que, se existe uma família reinante, é porque a Providência assim o determina.

Também há uma outra doutrina, a da *prescrição*, que justifica o governo das dinastias simplesmente porque elas o detêm desde longas datas; e ainda a estas se junta a teoria da *tradição histórica*, que Cazalés defendia em 1791 na Assembleia Nacional de França, proclamando: «Eu não acredito que a coroa do rei lhe viesse de Deus, não acredito em nenhuma dessas ridículas histórias; de quem ele

A verdadeira educação

V

Um dos assuntos de mais palpitante interesse na questão educativa, é o debatido problema da inocência da criança. Vou abordá-lo, sumariamente, para atingir e exemplificar um dos fundamentos principais da educação.

Muito se tem escrito sobre a inocência da criança, o seu angelismo infantil. Diz-nos o autor da «Idade, Sexo e Tempo» — Tristão de Ataíde — que, essa inocência é analogicamente semelhante à da árvore ou do pássaro. A criança não conhece ainda o pecado próprio, diz-nos a razão, mas participa do pecado da espécie, informa-nos a fé, e está elevada, em potência, pela criação e em acto pelo baptismo à vida sobrenatural e à comunicação da graça santificante.

De facto, e posto o problema na devida equação, não conhecendo o pecado próprio, a criança participa do pecado da espécie.

...«E' um erro imaginar que a criança nasce boa, afirma Maria Amália Vaz de Carvalho, pois nela está ingênita já a maldade.»

E Gustavo Le Bon preconiza também que a criança tem todos os defeitos dos primitivos, menos a sua força.

Essa maldade manifesta-se na mais tenra idade: ela é egoísta, impulsiva, rebelde, quase desordeira, inconstante

e contraditória, tem a tendência para o roubo, «apossa-se do que vê, do que a atrai pelo brilho, do que lhe desafia a cobiça, a gulodice, o amor do próximo», diz-nos um grande Pedagogo. Esse egoísmo está patente e muito visível na meninice. Quando nasce mais um irmão, a criança julgando perder todos os carinhos, afagos ou mimos, olha com desconfiança para o bebé e casos há, verídicos, que ela chega mesmo a magoar o irmãozinho. Tem quase o gosto, o *prazer sádico* em dizer não a qualquer pedido que se lhe faça: é natural, normalmente contraditória, por instinto. E' voluntariosa, quer sustentar os seus caprichos, as suas birras, tão predominante é o seu egocêntrismo.

Para Rousseau, a criança nasce naturalmente boa, só a sociedade a corrompe e a torna má. Segundo Freud, Adler ou Stekel, ela é levada naturalmente para o mal, para a crueldade e só mais tarde vem a conhecer os sentimentos da bondade e do amor.

Mas, em subsequentes artigos, e para não nos alongarmos hoje em demasia, focamos, par e passo, as diversas teses sobre o angelismo infantil, um dos assuntos mais curiosos e relevantes do problema educacional.

S. Torcato, 15-6-54.

PROF. J. MARTINS LIMA.

A. B. C.

Comemoração Patriótica

A expensas da Câmara Municipal e na Igreja de S. Miguel do Castelo, houve, como de costume, no dia de S. João, a comemoração da Batalha de S. Mamede, a que assistiram a Câmara com o seu Presidente e demais autoridades e outras pessoas de representação no meio, estando o templo repleto de fiéis.

A's 11 horas foi celebrada, pelo rev. Arcipreste, missa com acompanhamento a harmonium, fazendo uma alocução alusiva ao acto e na altura própria, o rev. Joaquim Bragança, de Garfe.

a recebeu foi do povo. Mas como ele a possui há 800 anos, que alguém se atreva a ir tirar-lha!

Tudo isto é aristocracia. No sistema democrático as leis são feitas para o grande número, para aqueles que elegem os legisladores; em qualquer sistema burguês as leis aproveitam à burguesia; num sistema democrático favorecem o povo em seu conjunto.

Na democracia o governo prescinde da força à medida que o grau da educação política popular se eleva, nem a força se poderia impor indefinidamente sem o consentimento do povo.

Ser democrata é ser partidário do sufrágio universal, único meio de que a massa pode proficuamente dispor para manifestar os seus desejos e as suas necessidades. Há várias espécies de democracia mas todas elas têm por fundamento o sufrágio universal, que pode culminar no referendo, forma suprema de um governo democrático.

Consiste o direito de sufrágio na escolha da representação política da nação e, com efeito, a democracia é essencialmente um sistema representativo que assenta sobre a participação dos cidadãos na vida pública e na sua cooperação no governo.

Este pode ser monárquico ou republicano; exemplo, a Inglaterra, as nações escandinavas, a Bélgica, a França, a Suíça, a América do Norte, todas elas grandes e puras democracias. Uma república democrática apenas difere da monarquia democrática pela duração das funções do chefe de Estado e pelo modo da sua designação.

As vantagens e defeitos de um e outro sistema dessa designação constituem os elementos da luta de ideais entre monárquicos e republicanos; será um tema interessante para um outro artigo. Por agora, apenas queremos salientar que a democracia é alheia e superior ao antagonismo entre república e monarquia.

Ainda dentro da democracia os regimes governativos podem ser parlamentares ou simplesmente representativos; nestes a nação exerce o poder por meio de delegados e o governo e a legislatura são respectivamente independentes; no regime parlamentar a nação também exerce o poder por meio de delegados, mas o governo e a legislatura encontram-se solidarizados por um gabinete nomeado pelo chefe de Estado e responsável perante o parlamento. Em república, desta diferenciação resultam as repúblicas presidenciais e as parlamentares; no sistema monárquico, correspondem-lhes as monarquias constitucionais e as, igualmente, parlamentares; destas são exemplo todas as que ainda existem; das constitucionais, lembra-nos a Alemanha imperial, (Constituição de 1871), e a Austria-Hungria, (Const. de 1867).

Estamos a alongar-nos e ainda queríamos referir-nos a uma outra confusão que nos parece haver na frase que se lê no incitante artigo que nos provoca estas observações e é a seguinte: «um democrata não pode deixar de ser um

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

O acesso ao quartel fazia-se pela calçada que principiava, mais ou menos, onde hoje está a estátua de D. Afonso Henriques e ladeada dos muros de soalco que, de um lado e outro, ostentavam duas guaritas, possivelmente utilizadas quando ali se instalou uma unidade militar, e que há muito tinham passado a motivo ornamental.

A porta de entrada creio que é a que actualmente existe, tendo à direita a guarita, de madeira, da sentinela e à esquerda uma velha bombardarda de ferro fundido, assente num reparo de pedra e cal.

Estava entulhada de muitas pedras que a garotada das proximidades para lá metia à laia de carga, e nunca soube de onde veio, nem como ali chegou, porque devia pesar algumas toneladas.

Dizem-me que foi vendida como sucata essa relíquia que representava, inofensivamente, a única arma pesada da guarnição e, parece, não havia quem se lembrasse do estrondo do disparo, se é que alguma vez fez fogo.

No largo em frente, à esquerda, havia umas quatro ou cinco casas, habitadas por corneiros e famílias, e um homem, já de certa idade, que se incumbia da lavagem da roupa dos soldados e que me parece estar a ver com certa nitidez, mas cujo nome me passou.

A direita a parada exterior sombreada por enormes amoreiras e plátanos, com uma ramada de belas uvas junto do muro da cerca do Asilo de Santa Estefânia.

Quando se entrava tinha-se à direita a casa da guarda de policia com as tarimbas dos soldados de serviço, cabos e ordenanças.

No corredor o armeiro, gabinete de cornetas, quadro da «ordem» e das instruções às sentinelas e tudo isto iluminado à noite por um lampeão de petróleo pendente do tecto.

Chegava-se assim à parada interior que ocupava todo o espaço entre as paredes das quatro faces do edifício, e onde se realizavam as formaturas diárias de serviço, desde as do rancho, parada da guarda, fuchinas, cabos de dia, etc., e várias revistas de menor aparato, umas semanais, outras mensais e extraordinárias de diligências e inspecção.

Na ala esquerda, de quem liberal. Como pouco adiante desta proposição há referências a Liberdade e esta não é precisamente o mesmo que liberalismo, mais se nos incute a possibilidade de confusão. E' que um regime pode ser democrático sem ser liberal e, pelo que propriamente respeita a Liberdade, a democracia tende, de preferência, para a Igualdade.

Leroy Beaulieu afirma que a liberdade supõe a responsabilidade, e desta resulta a desigualdade. A liberdade já nós a tivemos definida na Constituição de 1822, que, logo no seu artigo 2.º, nos dizia consistir em não sermos obrigados a fazer o que a lei não manda, nem a deixar de fazer o que ela não proíbe.

Mas isto é uma coisa e o liberalismo é outra; e o termo, na nossa época, adapta-se com mais propriedade ao problema económico do que à luta puramente política entre aqueles que querem atingir o progresso pela autoridade e os que pensam que é na liberdade que reside a felicidade dos povos.

Voltaremos a estes assuntos, se pudermos; por hoje, temos de ficar por aqui.

II

entrava, as instalações da sala dos oficiais, quarto do oficial de dia e Biblioteca.

Estas instalações não eram melhores, nem piores, do que as do comum dos quartéis, e a biblioteca possuía bons exemplares, dos quais me recordo do Larousse, edição grande, «De Angola à Contra Costa» e vasta colecção da revista «La Nature» que se recebia regularmente com outras mais.

Tinha material de ensino de esgrima, de florete, sabre, espada e espingarda, e tudo isso raras vezes utilizado por alguns apaixonados.

A seguir, e já na parte do edifício perpendicular voltada para o Castelo, as cavalariças, onde uns pobres «peneos», armados em feras, serviam quase exclusivamente para a procissão de S. Jorge, em formatura que requeresse oficial montado, e as mais das vezes para passeio dos seus titulares que uns meses antes se treinavam em pacíficas excursões pelos arredores, ou de certos subalternos que, a título de amansarem aquelas feras, os estafavam em marialvices com o fim de se mostrarem.

Depois era uma série de salas e lojas destinadas a escolas, oficinas de correiro e espingardeiro e, a entestar com a parede da outra ala, a cozinha.

Esta era uma espécie de caverna de Vulcano, onde escuros personagens manejavam poderosas alavancas e remexiam em consideráveis caldeirões sobre uma imensa forja flamejante, com guindastes para o manejo das ciclópicas panelas.

Os guindastes serviam para levantar e colocar ao alcance dos distribuidores os caldeiros que davam de comer a cem praças, e as alavancas imensas colherões que misturavam o grão de bico, batata, macarrão, toucinho e chouriço, e largos traços de carne, que depois era partida em rações e constituía a chamada «tora», e assim se confeccionava uma refeição substancial, como ainda agora se serve em determinadas tabernas com o característico nome de «rancho».

Havia dias em que o rancho era de dobrada com feijão branco e salpicão e bem apimentado, com bastante colorau, pitéu este muito procurado por certos estúrdios que, quando estava de serviço «careta» de feição, fornecia uma terrina para a noite se comer em «taina» na «Linha», assistida pelo servical Macedo.

A outra parte da parada era constituída pelas paredes do edifício que não foi aproveitado, e no seu interior apenas havia um ginásio.

Uma galeria e escadas de caracol levavam a uns restos de varanda, agora coberta, que dava acesso ao cimo dos muros, aí de um metro de espessura, por onde eu algumas vezes andei em pé até perto da oliveira nascida no meio da parede, proeza que agora, só a pensar nela, me causa vertigens.

Nessa fachada é que as bombas, na sua maioria pertencentes ao tenente Castro, tinham os seus ninhos em lugares quase inacessíveis, mas que, ainda assim, não obstava a que, com escadas, algumas vezes o rancho dos sargentos e músicos se melhorasse com uma arrozada de borrachos.

Ao lado esquerdo da entrada do quartel, a sala de sargentos e quarto de pernoita do sargento comandante da guarda de policia, com porta de comunicação para o alojamento das praças, e por onde entrou de uma vez um cabo desorientado, que com a sua arma matou com um tiro na

Continua na 3.ª página

Magnífico Concerto

pela Orquestra Sinfónica do Porto

A noite de segunda-feira foi de alegria para o Teatro Jordão. E não só para aquela casa de espectáculos, mas para a gente culta de Guimarães.

São tão poucas as manifestações de verdadeira arte na nossa terra e isto porque são tão poucos os que agora se preocupam com os prazeres espirituais, que quando surge qualquer manifestação, ficamos de parabéns.

A Sociedade de Concertos Moreira de Sá deu uma boa lição. Provou que ainda há quem goste do belo e ame a boa música; provou que Guimarães não é insensível ao belo; provou que ainda é possível encaminhar este bom povo no sentido da beleza e da arte. Se a casa não estava cheia, como nós todos desejávamos, também, atendendo que é o princípio de uma experiência, não parecia mal. Nós, na verdade, não contávamos com tanto.

Esta modalidade que a Sociedade de cultura musical, que usa o nome de um dos grandes vultos de Guimarães, nos deu, abrindo as portas de concerto, não só aos sócios, mas a todos os que quisessem provar as delícias de um bom programa de música sinfónica, agradei-nos em cheio. Os sócios não são prejudicados, porque podem escolher os lugares que mais lhe agradarem; e os amadores têm ensejo de aproveitar uma noite de beleza e o povo vai-se educando, aprendendo a estar numa sala onde há educação e compostura, e educa a sensibilidade, tornando-a apta a apreciar e procurar a boa música.

Depois destas ligeiras considerações e escritas à pressa, pois que o tempo nos escasseia, pouco mais poderemos dizer.

A orquestra, todos o dizem, tem melhorado. Contudo notamos que não foi boa a colocação dos músicos todos no mesmo plano. Gostamos de ouvir, mas também de ver. Mesmo o som dos instrumentos de sopro saiu-nos bastante prejudicado por causa de os instrumentos serem colocados em vibração de abafamento pelo restante corpo musical. O facto de o palco estar aberto pela parte superior também influiu na distribuição do som pela plateia e escoamento para o céu do timbre de alguns naipes. Sentiu-se também a traqueza de alguns naipes. Como da plateia se não via para o plano em que estavam colocados, ficamos sem saber a razão desta deficiência.

O programa começou com o Prelúdio do 3.º acto de Lohengrin de Wagner. Somos fanático por este compositor infeliz. E' sempre belo. Se tivéssemos autoridade para poder dizer, éramos capaz de afirmar que os violinos careceram às vezes de volume que seria de desejar para enfrentarem o vigor dos metais.

A Sinfonia do Novo Mundo, de Dvorak, em quatro partes: a primeira, romântica e serena, como um rio no verão; o largo, cheio de suavidade; mimoso e vivo, alegre e recessivo, cheio de encanto; o alegro, como o significado o indica, terminando numa apoteose de sons, despertou o entusiasmo do público, ávido de sentimentos fortes.

Na 2.ª parte encantou-nos as «Variações Sinfónicas», de Joly Braga Santos. Bem executado, bem ouvido em todos os momentos. Prova-se que os portugueses também são capazes de fazer boa música.

Terminou com a «Abertura solene», de Tchaikowsky—1812. Temos ouvido esta peça maravilhosa várias vezes em Banda. Em Orquestra foi a primeira vez e devemos dizer que não nos entusiasmos.

«Dança do moscardo» e o trecho da «Traviata», muito bem.

Agora só nos resta desejar que a Sociedade nos traga mais assim e ainda melhor.

P. C.

Antes do início do Concerto o sr. dr. Hugo de Almeida, incansável membro da Direcção da Sociedade de Concertos, veio ao palco, discursando eloquentemente.

Das suas palavras entusiásticas ficou-nos a consoladora certeza de que a direcção não desanima, antes se propõe continuar a combater e impulsionar, agindo com energia e trabalhando com entusiasmo em prol de Guimarães.

Tudo o aplauso e todo o carinho são indispensáveis para a ajudar e consolidar.

Não lho regateará, cremos bem, a cidade a quem esta iniciativa mereceu digno louvor.

Secretaria Notarial

Já se encontra a funcionar no Largo da Condessa do Juncal, em edifício dotado de todos os requisitos e em instalações condignas, a Secretaria Notarial, sendo motivo de satisfação para os vimaranenses e de aplausos para aqueles que se interessaram por este melhoramento,

No MEU

CANTINHO

Terça-feira, 22.
Muito me enganei eu, há três semanas!

A mais formosa Obra do nosso A. L. será a sua valente Oração de há doze meses.

* * *

Três vezes soletrei o soneto do Agnelo.

Não lhe entrei.
Os meus 83, cada vez mais caducos.

* * *

Apesar de estar bem quente, aqui vai um abraço prò feliz Pai de Maria Eurydice. A tanto me força o recente Jornal da Matilde.

* * *

Quinta-feira, 24.
Anteontem, esqueci-me.

No Comêrcio tripeiro de 19, veio uma Crítica, Forte e Gentil, dos excelsos Cantares, de Helena Lousada.

Das Críticas assim, é meu comer.

GERESINO.

FESTA ELEGANTE

nos jardins do Palacete de Vila-Flor

Como estava anunciado, realizou-se na noite da véspera de S. João, nos jardins do Palacete de Vila-Flor, propriedade da Família Jordão, a «Noite das Flores», promovida pelo Grupo Ritmo Louco, que pode sentir-se satisfeito e compensado de todos os esforços, dada a forma como corresponderam à sua iniciativa numerosas famílias da cidade e dos arredores, que ali acorreram, emprestando à linda festa, com a sua presença, extraordinário brilho.

O recinto via-se decorado e iluminado artisticamente, tendo havido fogo e animada música que o Grupo, por intermédio dos seus componentes, a todos proporcionou.

O desfile dos cabazes de flores despertou vivo interesse.

Do interessante concurso do «Cabaz de flores» concorreram 18 meninas, tendo sido feita a classificação por um competente júri, constituído pelas sr.ªs D. Maria Luísa Rocha Alves e D. Maria Adelaide Meneses Craveiro e pelos srs. A. L. de Carvalho, Alberto Vieira Braga e Manuel Soares Moreira Guimarães.

Havia duas categorias de cabazes — artísticos e etnográficos. A classificação foi feita assim:
Artísticos: 1.ª, Maria do Carmo Lima; 2.ª, Maria Beatriz Lima; 3.ª, Clotilde Miranda; 4.ª, Maria Fernanda Melo; 5.ª, Maria Amélia de Freitas Leite Fernandes; 6.ª, Natália Helena Antunes Saraiva.

Etnográficos: 1.ª, Maria Filomena Alves de Oliveira; 2.ª, Maria Odete de Carvalho; 3.ª, Emília Célia Xavier; 4.ª, Maria Irene Teixeira.

Durante a noite dançou-se animadamente, em recinto preparado; houve tómbola, serviço de caldo verde, bolos, etc., tudo num conjunto agradável que reuniu numerosas famílias e em todos deve ter deixado perdurável impressão.

Festas da Cidade

Continuação da 1.ª página

outros que desejam concorrer com os seus projectos para o brilhantismo das Festas.

As obras da Praça de Touros tem seguido um ritmo acelerado e devem tornar este recinto apto a servir não só para estas Festas mas também para os anos futuros.

Os empregados do Comércio continuam a trabalhar afanosamente na Marcha Gualteriana, número de ouro das Festas, estando já em execução alguns dos 10 carros que farão parte da mesma. O carro da cidade, uma concepção artística excepcional, vai causar admiração quando do referido cortejo.

No Campo da Feira já estão marcados diversos lugares para diversões e abarracamentos, continuando os pedidos para mais a serem em grande número.

As Comissões de Meios têm continuado a ter caloroso acolhimento por parte da população do concelho de Guimarães, numa demonstração inexcelável de bairroismo.

O Cartaz anunciador das Festas, uma concepção artística de Fausto Dias, desenhador das Fábricas de Joaquim de Sousa Oliveira & Filhos, já foi sancionado pelas entidades competentes e encontra-se em execução numa litografia para ser afixado dentro de breves dias.

Cantinho de... graça

A BANDA

Na banda de lá há uma banda que tem músicos da banda de cá. E' das melhorzinhas dos arredores, composta de vinte e nove músicos, fora o bombo e 4 aprendizes. O sor «mestre» chama-se Agapito — tem cerca de setenta anos e tocou muito em várias bandas, tendo ido a muitas bandas também.

E' surdo com uma porta de castelo. A's vezes acaba o trecho e ele ainda fica a atalhar o ar, sendo preciso puxar-lhe pelo casaco para ele parar. Assisti uma noite a um ensaio e foi de tal ordem que eu julguei estar na rua dos Caldeiros — no Porto.

Deu-se nessa ocasião o seguinte: O mestre dirige-se ao contra-baixo — por sinal muito alto — e diz-lhe: — O' Quico — Quico (mais forte) ó Quico. Ora o Quico era também surdo e foi preciso abanar-lo, pois estava entretido a fazer um cigarro duma onça francês que tinha entre-mãos.

O Quico olhou o «mestre» e este berrou-lhe:

— Agora vai aquela peça chamada a Guerra na China.

O nosso homem deita os olhos para o papel que tinha na estante —olve-os para o mestre — que com a mão em concha esperava a resposta e diz-lhe:

— O' mestre, essa foi a que eu acabei de tocar!

De facto assim era, pois alguns também a haviam tocado enquanto que outros tinham executado uma rapsódia do flautim da banda, a quem dera tal dor que teve de retirar à pressa para determinado sítio. Bem. Lá iam fazendo pela vida, mercê de meia dúzia de «artistas» que tinham amor àquilo e acompanhavam o melhor possível a coisa quando havia concerto.

Aconteceu, que, havendo chegado à terra um brasileiro daquelas redondezas e ao enxergar a pobreza das farpelas dos pobres filarmónicos, logo tratou de contemplá-los com alguns contos e vá de fazer farpelas novas — mais um pouco de instrumental — um aparelho auditivo para o mestre que — cada vez berrava mais e ainda uma maçaneta nova para o bombo, que andava radiante por tal motivo.

Feitas as fardas, lá vai a banda, estrada fora, para, em frente à casa do sr. Paulino, digo, comendador Paulino, executar várias peças do vasto repertório.

Lá iam, pois, muito bem formados e fardados a tocarem uma marcha guerreira.

Era um dia grande porque também se inaugurava a luz eléctrica lá no lugar.

De repente, o mestre, que ia à frente, volta-se para a banda — ergue os braços e — congestionadíssimo, cai nos braços do contra-baixo — que só parou de tocar naquela ocasião e desmaiou.

Um pouco d'água, umas sapatas — tal e tal e o mestre — amparado — para os músicos começa a falar.

— Ai rapazes — que eu ia-vos matando a todos e a mim também. Se não fora o ter, como tenho, esta vista ainda apurada, nós a estas horas estávamos a tocar no cemitério —

?.....?.....?

Claro — grande expectativa, até que um dos «artistas» perguntou — porquê, mestre?

Então o «mestre», já de pé — aponta-lhe um letreiro que estava num poste, o qual dizia:

«Não tocar, perigo de morte».

Ajá Zus!

Festejos ao S. Pedro

Na progressiva Vila das Taipas, realizam-se amanhã e depois, grandes festejos ao S. Pedro, havendo diversões várias, arraiais com fogo, música, iluminações, etc.

Crime de morte

No lugar do Penedo, freguesia de Selho (S. Jorge), Pevidem, envolveram-se em desordem Manuel de Oliveira, casado, operário fabril; Joaquim Pereira Leite, casado, industrial; José Pereira Lobo, casado, motorista; António Pereira de Andrade, solteiro, ajudante de motorista; Alexandre Marques, casado, ajudante de motorista; todos residentes no referido lugar do Penedo e ainda outros que estão por identificar, resultando da grave desordem ficar muito ferido, por virtude de ter recebido umas pauladas, o primeiro dos contendores, que foi imediatamente transportado ao hospital da Misericórdia, onde pouco depois veio a falecer.

Todos os indivíduos que tomaram parte na desordem e a que atrás nos referimos, foram capturados pela G. N. R., para apuramento de responsabilidades, tendo sido entregues ao Poder Judicial.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural, Telef. 4529.

ASPECTOS DO REGIMENTO 20

HÁ 50 ANOS

Continuação da 2.ª página

cabeca o 1.º sargento «Panela», de que só recordo a alcinha, que nessa ocasião estava a descansar deitado na cama.

Do que sucedeu ao assassino já não me recordo, mas tenho uma vaga ideia de o ter encontrado em Luanda, em 1919, no Depósito de degredados na oficina de alfaiate, quando fui ver a Fortaleza de S. Miguel.

Depois era a Secretaria Regimental com o gabinete do Comandante do lado direito, ao fundo as secretarias dos majores e tenente-coronel e o conselho administrativo com os sargentos «Laranjinha» e «Ferrincha».

Na sala de entrada trabalhavam o ajudante e amanuenses, e ainda me recordo de ali ver o capitão Rodrigo Queiroz, tenente Castro, de Sairão, o capitão Fraga, e durante longo tempo o, então, capitão Francisco Ferreira.

Seguia-se a parte voltada à cidade e onde estava alojado o pessoal que pernoitava no quartel, e era a sede de várias «Companhias» e outros serviços.

Logo depois da Secretaria regimental, e no rés-do-chão, era a 2.ª do 1.º (segunda companhia do 1.º batalhão) e ao fundo o casão dos alfaiates, onde mestre Alves Viana me cortou a primeira farda que vesti e, dizia ele, «assim até dá gosto fazer uma farda». Não-de-me perdoar esta vaidade retrospectiva.

Dali saíam muitas peças de pano cru já talhadas para várias costureiras da cidade confeccionarem camisas e ceroulas para os soldados, e brim branco para calças e jalecos.

Estas calças lavavam-nas os soldados com uma escova e eram de pano tão duro que as punham a secar em pé. Estes casões de alfaiates desapareceram com a organização das Oficinas de Fardamento e calçado que concentra todos os serviços de indumentária.

Pegada a estas a sala de ensaio da banda de música, ao lado direito da entrada principal desta face, e do lado esquerdo o refeitório dos sargentos e músicos, que os aprendizes comiam do rancho geral, ou seja o dos outros soldados.

Estas refeições, chamadas «rancho dos sargentos», e agora designadas por «meses», tinham um gerente, cosineiro e serventes (fachinas), e eram duas — almoço e jantar —, constituídas por sopa, dois pratos, fruta e ao almoço mais café com leite e o pão era de trigo, em pães de meio quilo.

Ainda no mesmo pavimento eram os domínios do quartel-leiro geral, o cabo Tomás, entidade quase tão poderosa como o Comandante, e que a seu cargo tinha a armazenagem do material sobrecelente, e tão escrupuloso que só satisfazia qualquer requisição nos termos regulamentares, por isso considerado, com toda a justiça, pessoa de confiança. Quando chegavam os novos recrutas o Tomás, para lhes incutir respeito, abordava-os com aquele carão severo de «superior», e perguntava: — Olha lá, não conheces o «senhor» cabo Tomás? — Saberá vossoria que não senhor, não conheço. — Deixa cá ver um cigarro, pois sou eu, fica-o sabendo. Pobre Tomás, nos últimos tempos já tomava a sua «turca» fora das horas regulamentares e foi reformado, tornando-se uma figura popular nos arredores do quartel, que nunca abandonou, e tenho

Vida Musical

Eurico Thomaz de Lima

A presente temporada musical de Guimarães vai encerrar-se, com duas manifestações artísticas de vivo interesse para a nossa cidade: a sensacional reparação do pianista-compositor Eurico Thomaz de Lima e a 5.ª Audição das suas discípulas (do Curso de Guimarães), a realizarem-se, respectivamente, nos dias 9 e 12 de Julho, próximo, pelas 21,45 horas, no Salão de Festas do Teatro Jordão, gentilmente cedido pela respectiva Empresa proprietária desta casa de espectáculos.

Para o recital, Eurico Thomaz de Lima organizou um atraente programa, no qual figuram obras de três românticos imortais: Schumann, Schubert e Chopin; a sua «4.ª Sonata», que na recente apresentação no Porto, alcançou um grande sucesso do público e a unânime consagração da crítica, fechando, com páginas de Chabrier, Barrozo Netto, Antonio Rubinstein e do próprio concertista.

Na 5.ª Audição de algumas discípulas de Eurico Thomaz de Lima, para encerramento do ano lectivo de 1953-54, do Curso de Guimarães, fer-se-ão ouvir: «Mesdemoiselles» Maria Ludovina Marques Rodrigues Gonçalves, Maria Luis Rodrigues Cardoso, Maria da Assunção e Maria José de Almeida Freitas, Zeferina Antónia Gonçalves Fernandes e Maria de Jesus Rodrigues Laranjeiro, em peças de Schöller, Beethoven, Mendelssohn, Chopin, Heller, Paderewski, Daquin, Schubert, Albeniz e Granados, dos compositores portugueses António Fragoso, Key Colaco, Ruy Coelho e Eurico Thomaz de Lima, e dos brasileiros Virgínia Saigado, Fiuzza e Barrozo Netto, sendo algumas executadas em 1.ª audição em Portugal.

Festejos ao S. João

Estiveram animados os festejos populares que em alguns pontos da cidade e bairros das redondezas, foram promovidos pelos moradores para solenizar a noite e o dia de S. João. Na rua nova, no Bairro de S. Roque e em outros pontos, dançou-se e cantou-se ruidosamente, à volta das fogueiras, havendo rusgas nas ruas e fogo a iluminar o espaço.

VENDE-SE

Fábrica de Tecidos com 100 teares, total ou parcelada, por motivo de partilhas, em plena laboração. Concelho de Guimarães. Facilidades de pagamento, directamente com os interessados. Carta à Redacção a E. L. 287

Sofre dos calos?

Não tem necessidade de deslocar-se para os tratar, pois tem nesta cidade pessoa habilitada que lhe aliviará esse mal. Vai ao domicílio Largo Condessa do Juncal, 27 Telefone, 40471 226

FLATEVAR

PINTURA MATE LAVÁVEL ANTISSEPTICA 38 CORES 204 Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira Depositários: João Garcia & C.ª, G.ª GUIMARAES

MÁRIO COSTA & C. L.ª DA PORTO LISBOA

MONTBENS ELÉCTRICAS

PROJECTOS ALTA E BAIXA TENSÃO J. MONTENEGRO Largo 28 de Maio, 78-1.-Tel. 4510 GUIMARAES 224

uma vaga ideia de ter sido atropelado mortalmente.

O resto do edificio servia de alojamento às «Companhias» dos dois Batalhões, que o terceiro esteve primitivamente em Barcelos, depois em Penafiel e por último regressou a esta cidade, ficando alojado no Proposto, onde está a Escola Industrial.

Fica assim esboçado o quadro em que se passou a vida do Regimento de Infantaria 20, de Guimarães. (Continua)

Jugueiros — Felgueiras, Junho de 1954. A. DE QUADROS FLORES.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 22, o nosso prezado amigo sr. José Luis Pires; no dia 28, os nossos prezados amigos srs. António Faria Martins e Manuel Cardoso do Vale; no dia 29, as sr.ªs D. Antónia Martins Guerra, esposa do nosso bom amigo sr. Casimiro Gonçalves Ribeiro, e D. Cacilda da Silva Lima Pires, esposa do nosso amigo sr. José Luis Pires; no dia 30, a sr.ª D. Madalena Soares Moreira e o nosso bom amigo sr. António Ribeiro de Abreu; no dia 2 de Julho, os nossos prezados amigos srs. Alexandre da Costa Rodrigues e Júlio Fernandes Martins; no dia 3, a sr.ª D. Isabel de Sousa Guise, esposa do nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise; no dia 4, a sr.ª D. Maria Alberta de Carvalho Melo e o sr. Manuel Maria Flores de Magalhães.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Fixou residência na cidade do Porto a sr.ª D. Lina da Silva Leite Guimarães.

Com sua esposa partiu para Lisboa, a tratar da sua saúde, o nosso prezado amigo sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas.

Com sua família partiu para Lourdes o nosso prezado amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

Encontrar-se a veranear nas suas propriedades da Boa-Vista, em Briteiros, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. dr. António Baptista Leite de Faria, médico em Lisboa.

Partiu para Lisboa o nosso bom amigo sr. Abel Machado Faria.

Partiu para Mondariz, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. António Faria Martins.

No princípio da semana parte

AS FESTAS de Santa Catarina NA PENHA

revestiram-se de muito brilho

Promovidas pelo Clube de Caçadores de Guimarães e pela Irmandade de Santa Catarina da Serra, dignamente presididas pelo estimado vimaranense sr. Alberto Costa, realizaram-se na Estância da Penha as festas em honra da Padroeira, Santa Catarina, que foram abrilhantadas por uma banda de música e reuniram naquele local muitos caçadores e suas famílias, tendo decorrido com muita animação.

A festividade religiosa, que consistiu de Missa Cantada, sermão pelo ilustrado sacerdote rev. P.ª António Alexandre Ferreira de Melo, e Procissão, em que se incorporaram muitos caçadores e elevado número de anjinhos e o andor da Padroeira, esteve imponente, decorrendo animado e concorrido o Torneio de Tiro aos Pratos, para a disputa de alguns prémios.

Grande número de pessoas assistiu tanto à solenidade religiosa, que foi este ano revestida de vulgar esplendor, como ao Torneio de Tiro aos Pratos.

O almoço de confraternização, realizado no Hotel da Penha, com a presença de 70 convivas, decorreu muito animado, tendo presidido o sr. Alberto Costa, que se fez rodear pelos srs. P.ª António Alexandre F. Melo, António Cardoso Rodrigues, Francisco Alberto da Cunha Guimarães, Belmiro Mendes de Oliveira, Bernardino Alves Marinho e Alberto Abreu.

Na altura própria brindaram os srs. Alberto Costa e P.ª António Alexandrino F. Melo, tendo sido lida uma mensagem de saudação ao devotado vimaranense e grande animador de festa, sr. Gaspar Lopes Martins, ausente em Santos (Brasil), na qual todos os presentes lhe manifestaram a sua grande admiração e apreço.

Durante a tarde houve arraial, muito concorrido e animado, com fogo e música.

No torneio inter-sócios do Clube de Caçadores, a classificação verificada foi a seguinte:

Taça Turismo — 1.º, Augusto Ribeiro da Silva; 2.º, Manuel Alves Machado; 3.º, José Augusto Vilas Boas; 4.º, João Almeida Ribeiro.

Taça Clube de Caçadores — 1.º, José Ribeiro Carvalho; 2.º, Manuel Guimarães; 3.º, Mário José Ribeiro da Silva.

Taça Consolação — Engenheiro João Martins Fernandes. Paule Extra — Augusto Ribeiro da Silva.

para França, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. dr. Bonfim Martins Gomes e Silva, que tencionava demorar algumas semanas em Paris e Vichy.

Com sua esposa esteve em Golães — Fafe, tendo partido para uma digressão pelo estrangeiro, o nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa.

Esteve entre nós o nosso querido amigo e distinto professor em Viana do Castelo sr. P.ª António Alexandre Ferreira de Melo.

Com sua esposa tem estado em Caldelas o nosso prezado amigo sr. Eduardo Lemos Mota.

Regressaram do Gerez, a esta cidade, o nosso bom amigo sr. Abel Machado Faria, e a S. Martinho do Campo, o nosso bom amigo sr. Abílio Ferreira de Oliveira.

Tendo sido colocado na Trofa, retirou desta cidade, onde conta grande número de admiradores, o nosso querido amigo sr. Alfredo Caldeira, competente funcionário da Federação dos Industriais de Moagem, a quem abraçamos com votos de muitas prosperidades.

Das suas propriedades de Pinheiro, regressou a esta cidade, com sua família, a sr.ª D. Margarida Lobo Neves Pereira.

A uso de águas encontra-se em Melgaço o nosso prezado amigo sr. António Pimenta.

Esteve em Lisboa, a tratar da sua saúde, o nosso prezado amigo sr. Manuel Fernandes Porto, de Infias.

Com suas esposas estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. A. L. de Carvalho, Fernando Diogo Barbot Costa, do Porto, dr. João Afonso Carneiro, Veterinário na Póvoa de Lanhoso, e Domingos Soares, de S. Mamede de Infesta.

Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão e Vasco Burmester Martins e sua esposa, da Foz do Douro.

Com sua esposa regressou de Ponte do Lima o nosso prezado amigo sr. dr. António de Jesus Gonçalves.

A tratar de assuntos da Ordem de S. Francisco, estiveram, em Lisboa, os nossos prezados amigos srs. P.ª José Carlos Simões, P.ª Aveilino P. Borda e Casimiro M. Fernandes.

Esteve em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Eng.º Alberto Costa. Regressou da mesma cidade o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

Regressou de Angola, onde foi, com as suas decorações, abrilhantar as festas do Presidente da República, o hábil ornamentista e nosso bom amigo sr. Bernardo Baççeira.

Ministro das Finanças

Esteve no domingo nesta cidade, de passagem, acompanhado de sua esposa, tendo visitado a Estância da Penha, o sr. Ministro das Finanças, Prof. dr. Águedo de Oliveira.

Casamento

No Santuário do Sameiro, em Braga, consorciaram-se no dia 17 o sr. José da Fonseca Faria, filho do industrial de Serzedelo sr. Amadeu da Fonseca Faria e de sua esposa a senhora D. Maria da Silva Fonseca Faria e a senhora D. Maria Arnaldina da Costa Oliveira, filha do industrial de Riba d'Ave, sr. Joaquim Alves de Oliveira e de sua esposa a senhora D. Albertina da Costa Oliveira, tendo sido celebrante o Reitor de Cerzedelo. Desejamos aos noivos as maiores venturas.

Baptizados

Na igreja de N. S.ª da Oliveira, baptizou-se uma filha do sr. Manuel Teixeira de Freitas e de sua esposa a sr.ª D. Maria Aurora Mendes de Carvalho, que recebeu o nome de Maria Margarida.

Foram padrinhos a sr.ª D. Margarida Maria dos Santos Martins e o sr. João de Almeida.

Na igreja de Santo António dos Capuchos, baptizou-se o primogénito do sr. Mariano Augusto da Rocha e de sua esposa, que recebeu o nome de João, tendo sido padrinhos o sr. João da Cunha Monteiro Júnior, avô materno, e a sr.ª D. Laura Monteiro, tia paterna.

Na capela de Santo António, na Casa de Vila Eva, em Lordelo, residência dos pais do neófito, recebeu, no dia 21, a água baptismal um menino, a quem foi dado o nome de Luís Filipe, primogénito da sr.ª D. Maria Amélia Dias de Freitas Lima Laranjeiro e do sr. Francisco Laranjeiro dos Reis.

Foram padrinhos os avós maternos, o sr. Armindo de Freitas Lima, industrial, e sua esposa D. Maria de Jesus Dias de Freitas Lima. Além do pároco da freguesia Rev. Martins Camelo, que presidiu ao acto, assistiu o rev. P.ª Luís Gonzaga da Fonseca, Prior da freguesia de S. Paio, desta cidade.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. Francisco Ramos Martins Fernandes. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Também teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina, a

Delicie-se com os Gelados com que a BENAMOR o serve.

SORVETES CASSATAS NEVEIROS

EMBALAGENS PRÓPRIAS PARA SERVIR EM CASA

BENAMOR

TOURAL — TELEFONE 4105 286

esposa do nosso bom amigo sr. José Luis Pires. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Também deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso bom amigo sr. António Soares de Abreu. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

No Porto e no dia 17, deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Fátima Cabral Paúl de Faria, esposa do nosso prezado amigo sr. Eng.º José Brandão Leite de Faria. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Bodas de Prata

Festejaram no domingo as suas Bodas de Prata matrimoniais, a sr.ª D. Maria Pereira Mendes Ferreira da Cunha e o sr. dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, ilustre clínico e Presidente da Câmara Municipal. Apresentamos ao distinto casal as nossas felicitações com votos de muitas prosperidades.

Doentes

Vimos já bastante melhor dos seus padecimentos, o nosso prezado amigo sr. Francisco de Matos Chaves.

Esteve doente, mas já se encontra restabelecido, o nosso querido amigo sr. Jerónimo Sampaio.

Continuam a acentuar-se as melhoras dos nossos bons amigos srs. dr. Alvaro de Carvalho e Manuel de Oliveira Cosme.

Tem passado doente a esposa do nosso distinto colaborador e amigo sr. J. Sousa Machado.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Cap. João Gomes de A. Lima

Confortado com todos os sacramentos e na sua residência, à rua de Val-de-Donas, nesta cidade, e contando 74 anos, finou-se na quarta-feira o sr. capitão João Gomes de Abreu Lima, natural de Ponte do Lima, que aqui residia há bastantes anos.

O extinto desempenhou, entre outros, os cargos de Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Ministro da V. O. T. de S. Francisco, Juiz da Irmandade de S. Torcato e Administrador do Concelho, tendo feito parte, também, da Comissão Concelhia da U. N. e da Câmara Municipal.

Era casado com a sr.ª D. Maria de Oliveira Rodrigues Ferreira da Silva Abreu Lima, irmão das sr.ªs D. Maria Manuela de Abreu Lima Sottomayor, D. Constança Vitória de Abreu Lima Martins de Menezes e D. Mariana Vitória de Abreu Lima e dos srs. dr. Gaspar de Abreu Lima e Gonçalo de Abreu Lima e cunhado da esposa do sr. Francisco de Matos Chaves.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se ante-ontem no templo de S. Francisco, tendo sido o cadáver removido em seguida e com grande acompanhamento para o Cemitério Municipal.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Almirante António Garcia de Sousa Ventura, amigo íntimo do finado.

Os nossos pésames à família dorida.

D. Teresa de Abreu Salgado

Faleceu a sr.ª D. Teresa de Abreu Salgado, mãe dos srs. Alberto da Costa Lopes de Abreu, João da Costa Lopes de Abreu, Virgílio da Costa Lopes de Abreu e Joaquim da Costa Lopes de Abreu, e sogra do sr. Jerónimo d'Assunção Ferreira, tendo-se efectuado o funeral na 4.ª-feira, do templo de N. S.ª da Oliveira para o cemitério Municipal.

Os nossos pésames à família dorida.

D. Amélia dos Prazeres Moniz

Um grupo de companheiras e amigas da saudosa sr.ª D. Amélia dos Prazeres Moniz, manda celebrar no próximo dia 29 duas missas em sufrágio da sua alma, a primeira às 7 e a segunda às 9,30 horas, na igreja de N. S. da Oliveira, comemorando o 30.º dia do seu passamento. Convidam todas as pessoas que queiram associar-se a esta piedosa homenagem, o que, desde já, muito agradecem.

Vida Católica

Festa de S. Pedro No dia 29 e na basílica de S. Pedro festeja-se o Santo Claviculario

com o seguinte programa: Missa solene, cantada, às 10,30 horas; exposição, sermão, «Te-Deum» e bênção do SS.º Sacramento, às 17,30 horas.

Padroeira da Misericórdia

No dia 2 de Julho, às 9 horas, no templo da Misericórdia, haverá, em honra da Padroeira, Missa Solene, cantada.

Ronda da Lapinha

Realizou-se no domingo a tradicional Ronda da Lapinha, em que tomaram parte algumas dezenas de milhar de pessoas, de todos os pontos do concelho e até de outros concelhos, as quais acompanharam desde a sua igreja distante até esta cidade, onde chegou pelas 15 horas e, depois, novamente no seu regresso, a milagrosa imagem da Senhora da Lapinha, constituindo, aquela romagem, mais uma comvente e grandiosa manifestação de fé do nosso povo.

Festa das Senhoras do Monte

Realiza-se hoje, em Serzedelo, a tradicional festa das Senhoras do Monte, constando de: entrada no Largo, às 9 horas, da banda dos Orfãos de S. Caetano; missa solene e sermão, às 11 horas; procissão, às 16, em direcção ao alto do monte, tomando parte os organismos da Acção Católica, Irmandades e Confrarias das freguesias circunvizinhas. Alocação por um distinto orador sagrado e regresso da procissão à igreja paroquial, havendo, à chegada, bênção do SS.º Sacramento. Em seguida, arraial com fogo e música.

Procissão de Corpus Christi

Agradecimento A Mesa da Confraria do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Oliveira, em sua última reunião, congratulou-se pela forma como decorreu a procissão de «Corpus Christi», levada a efeito no passado dia 17 do corrente, e resolveu registar na acta o seu indelével reconhecimento à Imprensa, Autoridades Civis, Militares e Religiosas, Ordens Terceiras, Colégios, Confrarias e população em geral pelo conucesso que da melhor boa vontade trouxeram à referida procissão, para que esta atingisse o maior esplendor.

Os srs. António de Freitas, José Nunes Pinto e Manuel da Silva Ferreira, dignaram-se vir agradecer a colaboração prestada pelo nosso jornal, o que nos cumpre registar com vivo reconhecimento.

LINO XAVIER DE CARVALHO

Agradecimento

A família do saudoso Lino Xavier de Carvalho, imensamente grata por tantas provas de estima que recebeu, de pessoas amigas, na altura em que foi dolorosamente surpreendida pelo seu falecimento, vem por este ÚNICO MEIO, dada a absoluta impossibilidade de o fazer pessoalmente a todos, como seria seu desejo, manifestar profunda e indelével gratidão a quantos, compreendendo o seu desgosto, dele quiseram partilhar, apresentando-lhe condolências e tomando parte no funeral do extinto.

Guimarães, 26 de Junho de 1954. A FAMÍLIA.

OFERTAS E PROCURAS

Alugam-se 2 lojas, uma na rua Conde D. Henrique n.º 5 e 7, outra na rua Francisco Agra n.º 65 e 67. Falar no n.º 89 do Largo Martins Sarmento, Telef. 4352. 195

Vende-se Fábrica de Tecidos com mecânica com 25 Teares de diversas medidas, máquinas acessórios, tinturaria e Alvará. Tratar na Agência GOMES ALVES — Largo do Toural — Guimarães. 285

Raposa Na Quinta de Margarida encontrou-se uma raposa ainda nove, que se entrega a quem provar per tencer-lhe. 289

DESPORTO

CONTRA O LIVRE ARBITRIO

Soubemos que a Direcção do Vitória reclamou contra os castigos que foram aplicados a dois dos seus jogadores como consequência de factos passados no jogo Boavista-Vitória para a «Taça de Portugal».

Soubemos ainda que é fundamentada a sua reclamação na forma arbitrária como a partida foi dirigida. Quando a injustiça campeia são difíceis de controlar os nervos de quem quer que seja.

Quem esteve no Bessa viu como as coisas se passaram, mas para isso não era necessário estar atento com os olhos do bairro. Toda a Imprensa de Lisboa e Porto — a insuspeita Imprensa do Porto — afirmou que foi o árbitro do encontro quem eliminou o Vitória da prova. Uma grande penalidade, a poucos minutos do final do jogo, feita ao pé do árbitro e vista à distância por todo o público, não foi marcada por manifesta cobardia do director da partida.

Não havia quem fosse capaz de dominar o seu sistema nervoso perante factos de tal jaez — somente um coarde como o árbitro. Em duas épocas consecutivas é o Vitória afastado da «Taça de Portugal» por erros de arbitragem. É demasiada coincidência para não se acreditar que há manipulação má fé.

Badala-se em todos os tons, onde existe tribuna aberta na defesa da arbitragem, que os árbitros são honestos. Acreditamos que muitos o sejam. Mas faz-se tanto barulho com esta afirmação que parece desejar fazer-se acreditar numa verdade total, que não existe.

Pelo menos, ainda não há muitos anos, alguns foram irradiados por factos onde essa virtude aparecia desvirtuada. Foi pena que então, simultaneamente, não fossem afastados em conjunto com esses árbitros aqueles que os levaram a isso. Talvez o meio agora estivesse melhor saneado.

Quem de direito há-de tomar uma atitude que termine com este estado de coisas. O Vitória irá até onde entender necessário para que seja atendida a sua reclamação.

Na «Taça» do ano passado fomos bem ouvidos por aqueles para quem apelamos. Este ano maior força moral possuímos para demonstrar a nossa razão.

Há-de haver justiça! Há-de acabar o livre arbitrio!

UM DE NÓS.

GALERIA

Cândido Tavares

Pode-se dizer que termina hoje a época oficial de futebol e deste modo acaba as suas funções, em Guimarães, o actual treinador do Vitória. Não se podia, nesta secção dedicada ao Desporto local, deixar sem uma referência quem, durante a sua actividade nesta cidade, se comportou de modo a merecer somente elogios, quer pela sua capacidade como técnico, quer como disciplinador, quer, ainda, como renovador dos métodos de acção do nosso primeiro Clube.

Cândido Tavares veio para Guimarães numa emergência difícil, que lhe podia acarretar um ambiente adverso. Mas ele, ciente das suas obrigações, enfrentou aquela situação ponderadamente, e pouco a pouco começou a impor-se e a demonstrar que em boa hora o seu nome fôra lembrado. Primeiramente salvou uma equipa de futebol, que se arrastava indisciplinada, da sua desorientação. Foi pouco a pouco elevando-a, conseguindo a razão da sua vinda — a permanência do Vitória na I Divisão Nacional. Mas simultaneamente não se esqueceu de que era sobretudo um professor de educação física e assim alicerçou uma obra que se patenteia valorosa no nosso meio.

Na época passada a frequência das classes de ginástica do Vitória não foi por aí além, pois o meio não se encontrava ainda suficientemente evoluído para uma total compreensão do fim em vista. Mas aqueles que então apareceram e depois demonstraram no espectáculo final o seu aproveitamento, rasgaram as peias que ainda existiam e, este ano, o Vitória apresentou mais de uma centena de praticantes de Desporto e, mais ainda, de ginástica que é fundamentalmente a base de toda a educação física. Pode-se dizer que pela primeira vez o Desporto na nossa terra foi praticado pelo sexo feminino.

Obra a todos os títulos valorosa e evidente. Foi este homem somente que tudo isto fez. Solicitou a colaboração duns, as dadas doutros e, numa verdadeira roda viva, pôde transformar o Vitória, que era um clube de futebol com cerca de duas dezenas de praticantes, numa agremiação de desporto categorizada.

Podem alguns discordar de qualquer orientação por ele tomada na equipa de honra de futebol. A função de escolher equipas nunca, em todos os tempos, pôs alguém de acordo. Mas ninguém lhe pode apontar uma quebra de disciplina, um desleixo, uma atitude com intenção reservada. Cândido Tavares enquanto esteve em Guimarães só pensou em trabalhar e do seu trabalho resultou uma sementeira das mais proveitosas que se têm feito na nossa terra sobre o ponto de vista desportivo — a equipa de juniores de futebol e as classes de ginástica.

Agora que se vai embora, abandonando uma obra que se patenteia altamente produtiva, entendemos que o devíamos colocar aqui, nesta Galeria, ao lado de outros valores proveitosos do Desporto local, dedicados ao Vitória, pois sendo embora um profissional como treinador de futebol, foi um verdadeiro

Jantar de homenagem

aos Campeões Minhosos de JÚNIORES

Por iniciativa da Direcção do Vitória, como encerramento das festas ultimamente levadas a efeito, vai realizar-se, no próximo dia 30 do corrente, pelas 20,30 horas, no Restaurante Jordão, um jantar de confraternização vitoriana, onde será prestada justa homenagem aos componentes da equipa de juniores do clube e ao seu treinador Cândido Tavares pelo seu justo triunfo no campeonato regional de juniores.

Como sempre, esta manifestação do Vitória deve constituir uma demonstração de vitalidade na vida do clube. Depois de uma época futebolística brilhante, onde nunca apareceram apreensões quanto à posição do clube nas grandes provas nacionais e no momento em que se dá como certa a construção do Estádio Municipal, esta concentração de forças do Vitória, em volta da Direcção do mesmo, deve vir a demonstrar, com evidência, o seu valor e a sua influência na vida cidadina.

CAMPEONATO REGIONAL DE OQUEI EM PATINS

Jogou-se, no passado domingo, a última jornada da 1.ª volta do torneio minhoto desta modalidade, com os resultados seguintes:

Vianense, 3 — Vitória, 2; Académico, 7 — Tebe, 0; Gil Vicente, 0 — Famacense, 3; Taipas, 8 — O. Barcelos, 4.

Também aproveitando o feriado do dia 17 do corrente, realizou-se, em Barcelos, o jogo da 7.ª jornada, Tebe-Vianense, com o triunfo deste último por 3-1.

A equipa do Vitória comportou-se admiravelmente em Viana do Castelo, pois o Vianense é considerado o grande favorito do campeonato. Quem assistiu ao jogo disse-nos mesmo que o resultado mais certo seria o empate. Os Vimaraneses compenetrados dos seus progressos vão assim caminhando na prova em constante melhoria, prometendo que futuramente cada vez conseguirão melhores resultados. Não se descuidem eles no seu interesse pelos treinos, dê-lhes condições próprias de preparação e assim veremos que, cada vez mais, eles se aproximarão daquela evidência valorosa que muito honrará o Vitória.

Na ocasião em que escrevemos ainda não nos foi comunicado quais os jogos a disputar no próximo domingo, mas cremos que primeiramente se completará a 1.ª volta, e assim, com todos os clubes em igualdade no número de jogos realizados, melhor se poderá analisar as possibilidades da nossa equipa. A classificação actual é a seguinte:

Vianense, 20 pontos (43-8); Académico, 14 p. (30-5); Tebe, 13 p. (26-25); Vitória, 11 p. (20-15); Taipas, 11 p. (18-19); Famacense, 10 p. (15-22); O. de Barcelos, 8 p. (17-30); Gil Vicente, 5 p. (3-41).

amador como professor de ginástica e criou, no nosso meio, um gosto por ela que desejamos que seja profundo para bom proveito do nosso primeiro clube e da nossa terra.

CAMPANHA dos 5.000 Sócios

A interrupção havida a semana passada na publicação dos nomes desta Campanha, não foi resultante de cansaço por parte daqueles que tomaram a iniciativa de criar ao Vitória sossegadas condições de existência. Somente afazeres vários, resultantes das Festas levadas a efeito, não permitiram a sua comunicação à Imprensa. Hoje novamente retomamos a caminhada e publicamos aqui vários nomes como novos sócios do Clube. O movimento jamais parará e o Vitória cada vez será maior para honra e glória de Guimarães.

Sócios efectivos: 9.
Sócios auxiliares:
Guimarães — D. Maria Izália O. Carvalho e Fábrica de Tecidos de Vila Flor.

Fafe — Empresa Têxtil do Rio Ferro, L.ª

Famalicao — Joaquim de Oliveira.

Porto — Fábrica de Fiação e Tecidos do Campo Alegre, Grijó & C.ª e Carlos Cardoso.

BRANCAS

A acreditada Água de Colónia Min-Hór

faz regressar, em poucos dias, os cabelos à cor que tinham de antes. Este maravilhoso efeito é devido à acção do oxigénio do ar sobre o pigmento capilar, combinado com princípios essenciais de

MIN-HÓR

Usa-se como uma loção ao pentear-se.

LIMPO, SIMPLES, SEGURO. NÃO É TINTURA.

Vende-se na FARMÁCIA "HÓRUS" — GUIMARÃES

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. [Est. 17] [Comp. 21 404] PORTO

BRIQUETES PEJÃO

INDÚSTRIA — AQUICIMENTO — COZINHA —

A Competidora de Representações, L.ª

R. da Rafinha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES 171

BOMBAS "SILVAR"

BOMBAS DE FERRA AUTOMÁTICA PARA POÇOS PROFUNDOS!

Pesca água com um só tubo até à profundidade de 20 metros!!!

AGENTE E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O DISTRITO DE BRAGA

BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.ª, L.ª

GUIMARÃES

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

Em INSTALAÇÕES de AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS. REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS. RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.

São garantidos todos os serviços por esta casa executados.

Ribeiro de Oliveira & Mendes

LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 45 — TEL. 4689 GUIMARÃES

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI

Até ir para a caça, o seguro caçadores da IMPÉRIO

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

R. GARRETT, 56 LISBOA

AGENTES SOUSA & FERREIRA, L.ª

L. DE 28 DE MAIO GUIMARÃES

COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia 3 do próximo mês de Julho, pelas 11 horas, no tribunal judicial desta comarca, vão à praça, a fim de serem arrematados pelos maiores preços oferecidos acima do seu valor matricial, os imobiliários adiante mencionados, penhorados na execução hipotecária que Agostinho da Silva Fernandes e esposa Maria de Freitas, proprietários, do lugar da Mógada, freguesia de Ronfe, desta comarca, movem contra Raúl Marques Rodrigues e esposa Belarmina Mendes Fernandes Rodrigues, proprietários, da freguesia de Vermil, desta mesma comarca:

IMÓVEIS SITOS NA FREGUESIA DE RONFE:

Prédio denominado de Requeixo, composto de três moradas de casas térreas e uma colmada e de terrenos de horta e de cultura, descrito na Conservatória sob número 3.180 e inscrito na matriz urbana sob os artigos 43 e 44. Vai à praça pelo seu valor matricial de 15.360\$00.

Prédio urbano composto de uma morada de casas de dois andares, construídas de pedra com telha Marselha, sito no lugar da Boavista, descrito na Conservatória sob número 39.055 e inscrito na matriz urbana sob o artigo 37. Vai à praça pelo seu valor matricial de 24.480\$00.

Uma terça parte, indivisa, pertencente aos executados, cativa do usufruto, quanto a metade, a favor dos exequentes, do seguinte prédio de que são comproprietários Fernando da Silva Fernandes, solteiro, e Gracinda da Silva Fernandes Prezado e marido José António Rebelo Prezado, todos do lugar da Mógada, freguesia de Ronfe:

Prédio urbano, sito na freguesia de Ronfe, composto de uma casa de dois andares, construída de pedra e coberta de telha tipo Marselha, e junto, para o lado do sul, uma corrente de casas também de pedra e igualmente coberta de telha tipo Marselha, que servem de tinturaria, casas de arrecadação de lenhas, casa que serve de garagem e ainda um pombal ao lado do poente, com uma avenida servida por um portão de ferro, e coberta com uma ramada cujas videiras estão plantadas no quintal de outro prédio onde este foi desanexado. Está descrito na Conservatória sob número 43.712 e inscrito na matriz urbana sob o art.º 59.

A terça parte deste prédio vai à praça pelo valor matricial que lhe corresponde de 12.240\$00.

De todos os referidos imobiliários são depositários os executados Raúl Marques Rodrigues e esposa.

Guimarães, 14 de Junho de 1954.

O Juiz de Direito, Valdemiro Ferreira Lopes.
O Chefe da 1.ª secção do 2.º Juízo, Albino Leite da Silva.

CASA ESTRELA SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123 Junto à Mariqueira

Consertos e limpezas de calçado Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.